

A Transfiguração do Político

A Tribalização do Mundo

A Transfiguração do Político

A Tribalização do Mundo

Michel Maffesoli

Tradução de
Juremir Machado da Silva



Editora Sulina

© Éditions Grasset & Fasquelle, 1992

© Editora Meridional/Sulina, 1997

Título original: *La Transfiguration du politique*

Capa: Vitor Hugo Turuga

Projeto gráfico: FOSFOROGRÁFICO / Clotilde Sbardelotto e V. H. Turuga

Editoração: Clotilde Sbardelotto

Revisão: Gabriela Koza

Revisão gráfica: Miriam Gress

Editor: Luis Gomes

Dados internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Bibliotecária responsável: Denise Mari de Andrade Souza CRB 10/960

M187t Maffesoli, Michel

A transfiguração do político: a tribalização do mundo /
Michel Maffesoli; tradução de Juremir Machado da Silva.

4ª ed. – Porto Alegre: Sulina, 2011.

230 p.

Título original: *La transfiguration du politique*

ISBN 978-85-205-0615-8

1. Sociologia. 2. Ensaio Francês. 3. Sociologia Avançada.
I. Silva, Juremir Machado da. II. Título.

CDU: 316

840-4

DDD: 301

844

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA MERIDIONAL LTDA.

Av. Osvaldo Aranha, 440 – conj. 101

CEP: 90035-190 – Porto Alegre – RS

Tel.: (51) 3311-4082 Fax: (51) 3264-4194

sulina@editorasulina.com.br

www.editorasulina.com.br

Julho/2011

Impresso no Brasil / Printed in Brazil

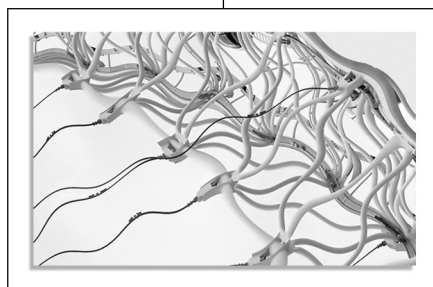
Sumário

| | |
|---|-----|
| Advertência | 11 |
| I. O político e seu duplo | 21 |
| 1. A força «imaginal» do político – | 23 |
| 2. A «perfeição» do Uno – | 35 |
| 3. Os proprietários da sociedade – | 44 |
| 4. A implosão da sociedade programada – | 57 |
| II. A socialidade alternativa | 65 |
| 1. Potência da utopia – | 67 |
| 2. Liberdades intersticiais – | 78 |
| 3. <i>Secessio plebis</i> – | 91 |
| III. A cultura do sentimento | 103 |
| 1. Ambiência, ambiência... – | 105 |
| 2. A força viva do sentimento – | 115 |
| 3. O supérfluo necessário – | 126 |
| IV. O ritmo social | 133 |
| V. O «nós» comunitário | 151 |
| 1. O estar-junto antropológico – | 153 |
| 2. A comunidade religiosa – | 168 |
| 3. O corpo político – | 178 |
| 4. A identificação estética – | 187 |
| Abertura | 205 |
| Apêndice | 213 |
| Notas – | 215 |
| Índice Onomástico – | 227 |

*Helenaē
uxori dilectae*

Mas os que controlam
o longínquo futuro
assistem
sorrindo docemente
a todas as batalhas,
como monges
que puseram em segurança
o tesouro do convento.
Só lhes resta vigiar.

R. M. Rilke
Diário Florentino



ADVERTÊNCIA

Surpreendeu-me muitas vezes
que a grande glória de Balzac
fosse de passar por observador;
sempre me parecera
que o seu principal mérito
era o de visionário,
e visionário apaixonado.

Charles Baudelaire

Inventa-se um mundo cada vez que se escreve. Trata-se, na realidade, indo ao encontro da etimologia, *invenire*, de fazer vir à luz do dia o que já existe, vivido amplamente na experiência cotidiana, embora os hábitos de pensar impeçam-nos de vê-lo. Nesse sentido, um livro nada ensina o que já não se saiba, ou o que já não se deveria saber. Basta que dê a pensar, sirva de acompanhamento à reflexão, favoreça a ruminação face ao mundo misterioso circundante. Efetivamente, é fatigante querer sempre dizer a verdade sobre uma época. Por que não enumerar, de preferência, os enigmas postos e assim fazer um livro em congruência com ela? Em alguns dos seus trabalhos, Sigmund Freud destaca «o elemento de dúvida que comportam» suas análises. E precisa: «Fiz disso a minha divisa»; comparando essas análises a uma «dançarina na ponta dos pés», ele não deixa de perseverar, o que lhe dá o aspecto performático conhecido.¹ Num momento em que o *frívolo* encontra acolhida nada desprezível, talvez não seja inútil ser essa dançarina da teoria sabendo prestar atenção ao ritmo específico elaborado, na atualidade, na vida social.

De resto, numerosos são os que não hesitam mais em analisar a sociedade do ponto de vista estético, acentuando as emoções comuns e a eficácia delas. Assim, no prolongamento de um livro anterior, e parafraseando Nietzsche, direi que esta obra prossegue, para a pós-modernidade, o mesmo objetivo: «Examinar a ciência na ótica do artista, mas a arte na da vida».² Tal perspectiva pode, caso não explique, ao menos dar conta de uma vida empírica, não mais orientada para a busca da Verdade, no que esta tem de intemporal, de único, de universal; ela toma consciência do pluralismo cultural, da multiplicidade de verdades parciais e sucessivas e, do jeito que pode, a isso se adapta. Há relativismo no ar. Convém a partir daí, na ordem do

pensamento, colocar igualmente o relativismo em prática e isso nos dois sentidos possíveis do termo: o que tempera o dogmatismo, seja qual for, e o que põe em relação, por vezes conflitual, essas verdades parciais.

Excesso de luz escurece. Esse aforismo pascaliano pode servir-nos, ao contrário, para aceitar o claro-escuro induzido pela ambiência emocional e as contradições que lhe são inerentes. Esse clima emocional é particularmente perceptível na implosão, em cadeia, que atinge o Estado-nação e os grandes impérios ideológicos. Uns e outros estão cedendo lugar a confederações que, de maneira mais leve, cimentam comunidades, de proporções diversas, repousando mais sobre um sentimento de vinculação que sobre a moderna noção de contrato social, ao qual se atrela uma conotação racional ou voluntária.

Da mesma forma, o indivíduo não é mais uma entidade estável provida de identidade intangível e capaz de fazer sua própria história, antes de se associar com outros indivíduos, autônomos, para fazer a História do mundo. Movido por uma pulsão gregária, é, também, o protagonista de uma ambiência afetual* que o faz aderir, *participar* magicamente desses pequenos conjuntos escorregadios que propus chamar de *tribos* (*O tempo das tribos*, 1988).

Numerosos são os indícios que, nacional ou internacionalmente, exprimem esse sentimento de vinculação comunitária ou tribal. Regiões, cidades, departamentos, levantam-se contra o centralismo jacobino, em torno de um herói epônimo: prefeito, notável local, estrela esportiva ou personalidade de renome afirmam um imaginário que os constitui como tal. O mesmo vale nos quatro cantos do mundo, a partir de uma reivindicação étnica, de uma especificidade cultural ou de um fanatismo religioso. Em cada um desses casos, afirma-se o que Wittgenstein chamava de «semelhança de família». Desde en-

* As terminações em “al”, como no neologismo afetual, implicam para Michel Maffesoli a ênfase no caráter orgânico dos fenômenos ou sentimentos (N. T.).

tão, não é mais possível pensar nessas pequenas sociedades fragmentadas com os conceitos de instituição, de estrutura e de relação entre eles, conceitos elaborados em três séculos de modernidade homogeneizadora. Talvez seja até mesmo necessário pensar fora da História, pois o que tende a predominar é da ordem das pequenas histórias locais, dos acontecimentos, do que acontece, de maneira mais ou menos efervescente, em estado puro.

Certamente não se pode silenciar sobre o que provoca incômodo e incompreensão. Alguns tratam disso com sucesso e, com frequência, universitários, jornalistas, políticos preferem dissertar ou tagarelar, de acordo com as circunstâncias, sobre assuntos preestabelecidos com ideias prontas. A realidade empírica, porém, continua ali, incontornável, e deixa estupefatos os que não souberam mudar a tempo de ideias. Quanto aos outros, tão próximos da farsa e da hipocrisia, empregam-se, com constância, a deturpar o sentido do acontecimento para fazê-lo entrar, pela força, *no prêt-à-porter* de uma verdade dogmática elaborada para a circunstância.

E, contudo, agora, trata-se de um segredo de polichinelo, o rei está nu: passou o tempo da política. No máximo, ela pode seduzir com exposições à americana ou ser objeto de derrisão em espetáculos de variedades. A «distinção entre inteligência e política», tão cara a Paul Valéry, atingiu um ponto sem retorno. É essa separação que se precisa inteligentemente pensar. Não basta mais, em realidade, incriminar os jogos políticos, as receitas eleitorais e outras «maracutaias» do mesmo saco. Pois, se a política torna-se objeto de desconfiança geral, o político não parece mais capacitado para enfrentar os desafios do momento. Se, no século XIX, num eco ao «Deus está morto» (Nietzsche), respondia a forma substitutiva da «política como forma profana da religião» (Marx), atualmente o atestado de óbito diz mesmo respeito à prótese divina. Essas duas entidades perderam a força de atração, pois não dá mais resultado o adiamento do gozo: a espera messiânica do paraíso celeste ou a ação urdida para um amanhã que canta, ou outras formas de sociedades futuras reformadas, revolucionadas ou mudadas. Somente o presente vivido, aqui e agora, com outros, importa.

Presente, um pouco pagão, que se exprime a cada dia através de uma religiosidade ambiente. Vetor de *religação*, alimenta todas as formas menores do sagrado que florescem nas sociedades, das mais desenvolvidas às «subdesenvolvidas», das que ostentam o estandarte do progressismo ocidental às que continuam ainda condicionadas por mitologias tradicionais. Isso pode incitar-nos a pensar que, além ou aquém das diversas racionalizações e legitimações políticas, há, no fundamento de todo estar-junto, um conglomerado de emoções ou de sentimentos partilhados. Para retomar uma temática clássica: a *Einführung*, a empatia, a fusão, opondo-se à abstração da ordem mecânica. Ainda que seja uma banalidade dizê-lo, é preciso lembrar que o direito se constitui a partir dos costumes; o instituído nada é sem o instituinte; o poder deve tudo à potência que lhe serve de suporte. Existem momentos em que a *potência subterrânea* explicita sua força e sacode tudo no seu caminho. Trata-se de onda violenta que pode ter modulações bastante diferentes de acordo com os lugares: explosões brutais, indiferença política, reserva astuciosa, reivindicações étnicas, tribalização excessiva; em todo caso, afirma com força a vinculação comunitária e a irreprimível dinâmica de um nós que funde.

Busco descrever esse processo nas páginas seguintes, fazendo, antes de tudo, uma genealogia do político e mostrando a força «imaginal» que lhe serve de suporte (capítulo I, 1) e é, de qualquer modo, o seu duplo, um recurso utilizável quando o instituído tende, em demasia, a enrijecer-se. Assim, na marcha em espiral das histórias humanas, quando a abstração racional tende a triunfar, e a sociedade torna-se propriedade de alguns, assiste-se à sua implosão (capítulo I, 2, 3, 4), causa e efeito de uma utopia cotidiana, o que proponho designar como a procura das liberdades intersticiais ou mesmo de uma *secessio plebis* de consequências incalculáveis (capítulo II, 1, 2, 3).

É a partir disso que tento analisar a emergência de uma cultura do sentimento (capítulo III) na qual predominam o ambiente, a vivacidade das emoções comuns e a necessária abundância de supérfluo que parece estruturar a socialidade pós-moderna. Essa cultura permite compreender a *transfiguração do político* em esboço sob os nossos

olhos. De fato, quem diz sentimento partilhado, diz pluralização, pois se declina ao infinito a atração ou a repulsão que me liga, ou separa, ao outro, do outro. Isso, o político, por natureza normativo, tendendo sempre para o estado (Estado) de direito, não pode compreender, *a fortiori* admiti-lo. Não é mais decretando o que *devem ser* a sociedade e o indivíduo que se consegue entendê-los ou conhecer, em realidade, suas transformações. De onde o despertar brutal de alguns fenômenos, suscitados pela afirmação da identidade étnica, pela *semelhança de família*, aos quais está atrelada a classe política em seu conjunto.

Acontece de, como é frequente o caso quando se assiste à *saturação* de determinada civilização, tal uma contaminação viral, essa metamorfose se acelerar brutalmente. A episteme do burguesismo, isto é, o conjunto de representações e de modos de organização social, pouco diferentes, enfim, na totalidade do mundo ocidental (Oeste e Leste incluídos), desaba por blocos inteiros. O que dá novo ritmo social (capítulo IV), frenético, bárbaro, no qual o *stacatto*, à imagem da música dominante, nada mais tem a ver com a harmonia sinfônica dominante até então. A metáfora musical é, aqui, de grande utilidade para compreender um tempo contraditório, por vezes cacofônico, engendrando sintonias parciais que conseguem, mal ou bem, se ajustar num conjunto fractal pertinente ao espírito do tempo. Apesar da ausência de *unidade* rígida, fechada, identitária, como a da instituição, do Estado-nação ou do império ideológico, tal ritmo é revelador da *unicidade* flexível que agrega numa harmonia conflitual as *tribos* mais diversas, etnias diferentes ou confederações, numa constelação onde há lugar para todos.

Pois existe mesmo, mais ou menos realizada, ou de maneira tendencial, uma forma de solidariedade orgânica em instalação. À imagem do barroco, estabelecendo uma sinergia entre elementos diferentes, até mesmo opostos entre eles, está-se frente a uma estruturação societal à qual se ajustam, mal ou bem e *a posteriori*, todos os elementos heterogêneos citados antes. De onde a necessidade de fazer uma nova genealogia, a do *nós* comunitário que está na base dessa organicidade (capítulo V). Para isso, seguirei os percursos do estar-junto antropológico (V, I), da comunidade reli-

giosa, da origem do «corpo» político (V, 2, 3), tudo isso desembocando na identificação estética (V, 4), que parece ser a marca da pós-modernidade. A estética, enquanto *aisthésie*, isto é, vivido emocional comum, parece ser de fato a forma alternativa ou a realização acabada da transfiguração do político.

À guisa de abertura, pode-se assinalar que, mesmo em *status nascendi*, a lógica societal em implantação está agora suficientemente plasmada nela mesma, o que permite falar dela. Talvez não a explicar, mas ao menos descrever-lhe os contornos e constatar as suas características fundamentais. Dito isso, cabe indicar que, em função do aspecto nebuloso da constelação da qual falei, a atitude do observador social deve ser das mais modestas: só se pode propor um conjunto de hipóteses, esperando que sejam pertinentes e prospectivas. Lembrarei, entretanto, a fim de relativizar meu propósito, o que o coloca em relação e serve-lhe de nuance, que se é mais pensado por uma época do que se é capaz de pensá-la. É preciso certa empatia com o objeto de estudo. Ao mesmo tempo, não pretendo exprimir uma convicção pessoal, um juízo de valor, mas me contentar com uma análise de fato, traindo o menos possível o espírito do tempo. Há, portanto, na apreciação a ser feita deste, subjetividade. Ao fundamentá-la com base num vasto corpo teórico – sociológico, filosófico, história das religiões –, ilustrando-a com pesquisas em andamento ou já elaboradas, enraizando-a nas constatações de bom-senso fornecidas pela atualidade, pode-se esperar, sem descartar totalmente o risco, que a apreciação não seja um simples sonhar acordado. Em todo caso, emprego-me ao longo desta reflexão para que a subjetividade em obra esteja o mais próximo da «tipicalidade» (A. Schütz); se não conseguir exprimir todo o seu tempo, ao menos indique uma tendência importante. Assim, espero participar da elaboração do que chamarei de «empirismo especulativo», cuja ambição consiste na produção de uma razão sensível, capaz de considerar os elementos mais diversos da prática social.

Tudo isso exige que se saiba exercitar um pensamento arrojado capaz de correr riscos. Mas o interesse do conhecimento merece-o. Tal sensibilidade teórica adapta-se mal às abordagens

convencionais que, de maneira geral, dominam a produção intelectual. De onde o aspecto por vezes insólito do procedimento e das vias escolhidas aqui. Estas podem chocar ou desencorajar. Mas, afinal de contas, o mesmo acontece com os fatos que tento descrever. Com audácia, sacodem as certezas e não se dobram aos clichês dogmáticos de qualquer ordem. Como esses fatos, é preciso saber ser teimoso, perseverar, andar, caso necessário, na contramão, pois as histórias humanas nos ensinam que os pensamentos *inatuais* estão mais aptos a dar conta e a compreender o que as teorias estabelecidas percebem com dificuldade.

À imagem de uma socialidade caótica, o lento trabalho do pensamento recorre à perambulação, aos recuos, às redundâncias, às múltiplas digressões. É preciso saber aceitar esses meandros de uma vida efervescente e empática que não se deixa encurralar, *a priori*, num sistema de verdades preestabelecidas. Proporei, na minha ótica *formista*, apenas algumas «formas», isto é, quadros de análise tendo por única ambição fazer a epifania do que é, surge e não pretende impor nenhum tipo de *dever-ser*. Serei eloquente quanto aos princípios e conciso sobre os fatos concretos. Diante das numerosas análises de circunstância e aos não menos numerosos discursos bem-intencionados, prefiro ficar nos *princípios*, deixando a cada um, conforme suas luzes, a tarefa de pensar por conta própria. Eis o verdadeiro procedimento iniciatório passível de levar à compreensão dos «mistérios» que, como indica a etimologia do termo, unem os *iniciados*, protagonistas da vida social. Nesse sentido, de acordo com o desafio deste livro, deveremos compreender que em determinados momentos, em todos os domínios, político, intelectual, religioso, cotidiano, a potência do instituinte sacode, sem dificuldade, todos os poderes estabelecidos.